

Henrique de Andrade Reis
Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno
2º semestre de 2020

PAISAGENS DE SÃO PAULO DE PIRATININGA

Representações digitais





NOR

Aos esquecidos pela história.

Aos homens e mulheres comuns, àqueles cujos nomes não se encontram nos livros, aos que concluíram sua jornada neste mundo sem ter alcançado reconhecimento.

Suas vidas não foram em vão.

*Sem de parana Biacaba
guar d'os d'os d'os d'os
Com de feito d'os d'os d'os
d'os d'os d'os d'os d'os
d'os d'os d'os d'os d'os
d'os d'os d'os d'os d'os
d'os d'os d'os d'os d'os*

Resumo

Ao contemplar a escala da metrópole atual, é difícil imaginar que no início do século XVII o número de casas em São Paulo não passava de 150. Este trabalho busca resgatar as vistas e paisagens presenciadas e construídas pelos primeiros habitantes daquela vila desenvolvida ao redor de um colégio jesuíta de 1554 - mas que tem origens muito mais antigas, com a ocupação Tupiniquim do planalto piratiningano. Busca-se reconstituir, em caráter experimental e especulativo o aspecto físico da vila a partir de documentos e fontes diversas, gerando-se assim um modelo virtual que possa servir para propósitos museológicos, como acontece em vários museus da cidade ao redor do mundo. Afastando-nos da discussão polarizada entre o heroísmo e a vilania dos paulistas dos séculos XVI e XVII, pautadas pela tradicional historiografia paulista, pomo-nos como observadores da vida comum, percebendo sua estrutura social e dinâmicas urbanas a partir da experiência pessoal, buscando-se tratar as figuras do passado não como engrenagens numa máquina maior, mas como indivíduos dotados de vida, de valores e crenças.

Palavras-chave: São Paulo (colonial); modelagem digital; paisagem

Abstract

When we look at the scale of the today's metropolis, it is hard to imagine that, in the early 17th century, the number of households in São Paulo was below 150. This work aims to relive the views and landscapes witnessed and built by the first inhabitants of that village developed around a Jesuit college in 1554 - but one that have much more ancient origins, as the Tupiniquim occupied the Piratininga plateau. We aim to reconstruct, in an experimental and speculative way, the physical aspect of the village, based on documents and diverse sources, generating a virtual model that could fit museological purposes, like the ones in many city museums around the world. Moving away from the polarized discussion between the heroism and villainy of the paulistas of the 16th and 17th centuries, ruled by the traditional São Paulo's historiography, we put us like watchers of the common life, perceiving its social structure and urban dynamics from personal experience, seeking to treat the past figures not as gears in a larger machine, but as individuals, endowed with life, values and beliefs.

Keywords: São Paulo (colonial); digital modeling; landscape

Índice

Introdução

06

Objetivos

08

Problematização

10

Metodologia

12

Paisagens Quinhentistas

19

Considerações finais

29

Bibliografia

30

Agradecimentos

Agradeço especialmente à Arq. Regina H. Vieira Santos pelo estímulo e pela oportunidade do estágio no Museu da Cidade, no âmbito do Termo de Parceria selado entre a FAUUSP e a instituição em 2019, sob coordenação da Profa. Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno e do Prof. Dr. Luciano Migliaccio, aos quais também agradeço a orientação e incentivo para este voo experimental.

Aos meus pais, Magda e Valtemir e ao meu irmão, Heric, por todo apoio dispensado ao longo da minha jornada e por terem me guiado pelo caminho correto,

À minha companheira, Rayssa, com todo meu amor, por todo o carinho e dedicação em todo o tempo,

Ao amigo Nélio, por todo o suporte técnico prestado, viabilizando a conclusão deste trabalho,

Aos amigos e familiares, meus sinceros agradecimentos.

Motivação

Por nunca ter antes morado na capital paulista, estudar em São Paulo exigiu que eu experimentasse a cidade de formas diferentes. Deslocando-me rotineiramente pelo transporte coletivo da metrópole, me vi cercado por milhões de rostos, indiferentes tanto à minha própria existência quanto à vida de outros transeuntes - o que, no começo, gerou em mim uma certa sensação de deslocamento e de impessoalidade. O termo cunhado por Roberto Pompeu de Toledo, “Capital da Solidão”, parecia adquirir um novo significado: o isolamento geográfico paulistano dos primeiros séculos, causado pela dificuldade de se transpor as escarpas da Serra do Mar era agora transmutado para um isolamento pessoal, com cada indivíduo imerso em sua própria história. Criado num bairro pequeno e afastado de Cubatão, uma cidade relativamente pequena, ainda não havia realmente experimentado a cacofonia de silêncios que São Paulo me proporcionava, e não tardou para que eu me juntasse à constante apatia paulistana. Georg Simmel, em 1903, explica essa “atitude blasé” como produto da sobrecarga de contatos interpessoais não-voluntários aos quais o morador da metrópole se vê imerso

diariamente. De acordo com Simmel (1903/1973, p. 17):

“Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto as da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável.”

Pode-se também estender esse estado de espírito para além dos contatos interpessoais, como a relação do indivíduo com as constantes alterações do espaço urbano. Em “Colapso - Como as sociedades escolhem o fracasso ou sucesso”, Diamond (2005, p. 105-152) nos alerta para os perigos de uma sociedade alheia às mudanças em seu espaço de vida. Ele analisa em sua obra o declínio da civilização Rapa Nui, habitantes da Ilha de Páscoa, e como a destruição constante ao longo de gerações das florestas nativas para a feitura e transporte das suas grandes estátuas cerimoniais, os “moais”, levaram a população a guerras, fome e ao colapso cultural, atestado posteriormente pelos europeus, quando chegaram à ilha, em 1722, e constataram que a aparência do lugar era “desolada

e arenosa”. Questionado sobre como os Rapa Nui continuaram a derrubar a floresta que os sustentara, Diamond então nos alerta acerca sobre a “amnésia de paisagem”, expressão cunhada por ele que designa o fato de indivíduos de uma sociedade esquecerem, em algumas gerações, quão diferente era o espaço de vida original daquela comunidade da situação em que se encontra no presente - e a subsequente resistência à mudança das suas atitudes predatórias frente a uma situação progressivamente mais grave.

À luz de Simmel, pode-se compreender que a metrópole possuiria a característica de causar no indivíduo um grau de alienação à mudança muito maior que o natural em comunidades pequenas, permitindo que a “amnésia de paisagem” aconteça num espaço de tempo progressivamente menor, conforme a paisagem urbana torna-se mais dinâmica. Numa grande cidade como São Paulo, é possível experimentar no espaço de vida de algumas décadas alterações sensíveis no seu território, como casarios históricos sistematicamente sendo demolidos para dar lugar a novos empreendimentos imobiliários, comércios regionais sendo fechados devido à concorrência com grandes centros de compras e árvores antigas sendo mutiladas para abrir espaço para a rede elétrica. Ao que sobrevive à voracidade do presente, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, seja como forma, espaço construído ou paisagem em meio a novas conjunturas sociais, Milton Santos, em *Por Uma Geografia* (1978) categoriza como rugosidade, ao falar da paisagem e entendê-la como “uma acumulação desigual de tempos

e inércia ativa” para o presente (SANTOS, 1978). Benedito Lima de Toledo nos guia por essa sede pelo novo na capital paulista em “São Paulo: três cidades em um século”. A cidade colonial, de taipa, foi descartada para dar lugar à modernidade oitocentista do tijolo e da arquitetura eurocêntrica - que por sua vez foi preterida pela arquitetura modernista - hoje também em declínio de prestígio (TOLEDO, 1983, 192 p.). São Paulo é assim um imenso “palimpsesto”, um pergaminho raspado várias vezes para dar lugar a novos textos, como provoca Benedito Lima de Toledo.

Alheio às rugosidades paulistanas, o desprezo ao velho e a constante exaltação do novo propiciam esse espírito de “tabula rasa” que permeia a história paulistana, que em contrapartida enfraquece a sensação de pertencimento e a memória coletiva das comunidades. As acumulações e substituições que superpõem a ação de diferentes gerações, como postula Milton Santos, em São Paulo promovem um apagamento sistemático daquilo que incomoda em favor de uma nova modernidade. Como nos alerta Gisele Beiguelmann (2019, 256 p.), a amnésia social é um processo sistematizado, produto de políticas públicas que visam selecionar quais aspectos históricos são dignos de serem preservados e quais entram em conflito com a “história oficial” e por isso devem ser esquecidos, suprimindo da construção da memória nacional seus atores fundamentais, desde a história indígena à escravidão negra, à história do trabalho (BEIGUELMANN, 2019).

Introdução

Durante minha graduação na FAU, fui por dois semestres monitor da disciplina de Fundamentos de Projeto, disciplina essa que introduz o departamento de Projeto na graduação. O trabalho final dessa matéria consiste em que os alunos projetem um equipamento cultural num terreno em frente à Praça da Sé, hoje ocupado por um estacionamento. Ao ter este espaço como local de trabalho, várias perguntas foram sendo formuladas, tanto por mim quanto pelos próprios alunos, acerca da natureza do lugar, como o porquê de ele estar vazio, ainda que esteja em uma localização privilegiada como essa, ou por que todos edifícios do quarteirão estão num estado de degradação muito maior que seus vizinhos.

Assim, de maneira independente e despretensiosa, passei a investigar as origens do espaço, e, a partir das informações encontradas, criei uma série de imagens que sintetizavam as camadas de historicidade do lugar, percebendo quanto conhecimento se pôde extrair de um único quarteirão ao longo do tempo. Desde o alinhamento atual dos edifícios do quarteirão com a muralha quinhentis-

ta, passando pela ocupação do lugar pelo Recolhimento de Santa Teresa - e sua propriedade que ainda hoje pertence à Ordem do Carmo - até a construção na década de 20 do edifício sede da Cúria metropolitana, e sua posterior demolição na década de 70 devido às obras da estação Sé do metrô.

Assim, para meu Trabalho Final de Graduação, busquei investigar as origens do território da cidade de São Paulo. Para tanto, reduzi meu recorte cronológico a um período aproximadamente igual ao da União Ibérica, isto é, entre 1580 e 1640. E ampliei meu recorte espacial, abarcando toda a região da Colina Histórica e suas adjacências imediatas.

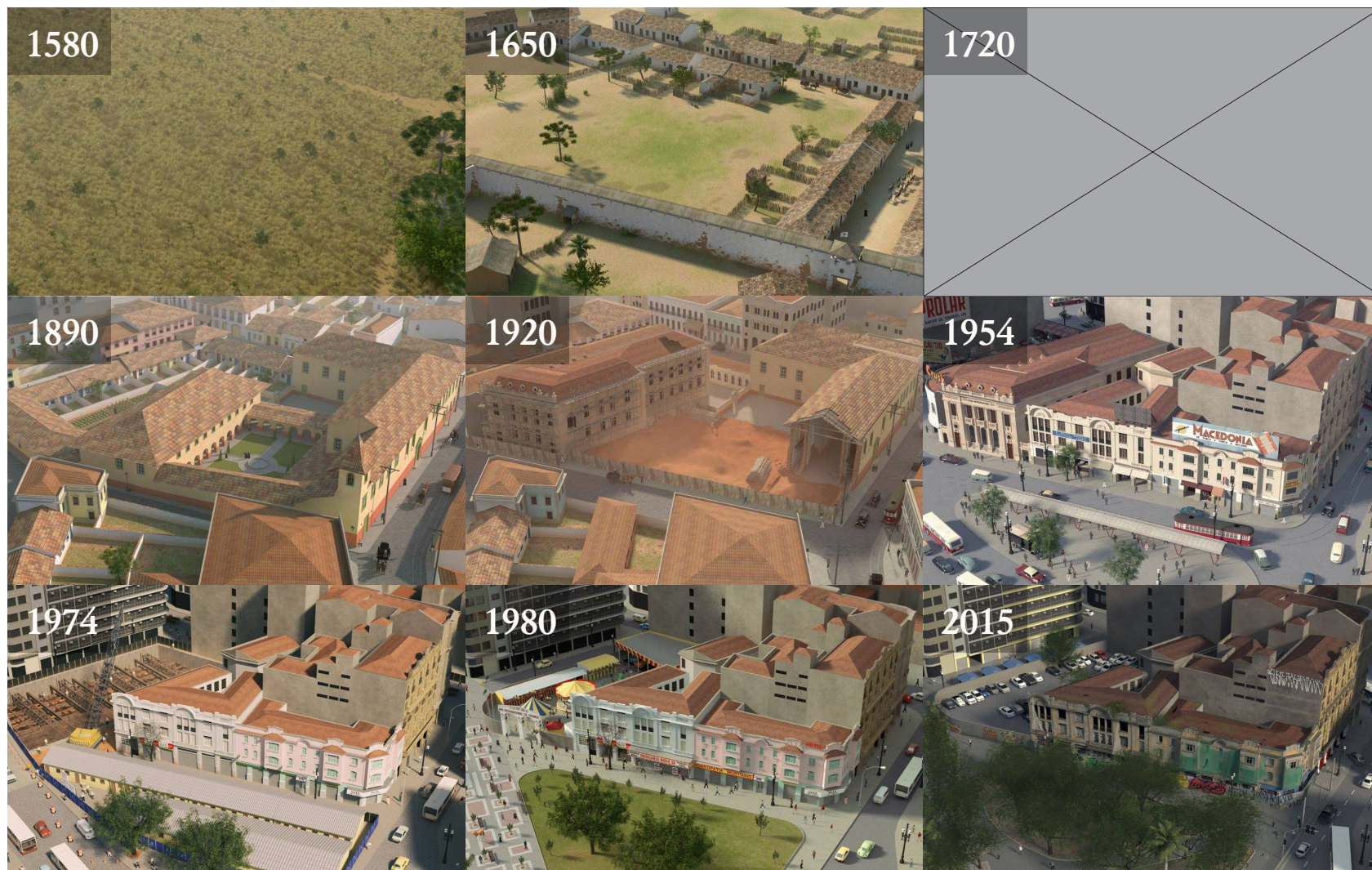


Imagem 1: Reconstituições de momentos da história de um mesmo quarteirão, na região da Praça da Sé. Elaboração do autor.

Objetivos

O trabalho apresentado posiciona-se como contraponto a duas apatias, resultadas da vida na metrópole contemporânea: a apatia em relação ao indivíduo, pautada pela atitude blasé do cidadão frente aos outros, e a apatia em relação às mudanças no território paulistano. Perceber que todas as pessoas ao seu redor – incluindo completos desconhecidos – possuem vida, tão importante e cheia de significado quanto a sua própria, é o que John Koenig chama em seu *“Dictionary of Obscure Sorrows”* (2012) de **“sonder”**, um duplo estrangeirismo entre o alemão *“sonder”* (especial) e o francês *“sonder”* (sondar). A sensibilidade necessária para alcançar essa súbita realização opõe-se diametralmente ao comportamento protagonístico, onde se percebe o mundo como um romance no qual o próprio indivíduo é o personagem principal, enquanto outras pessoas que cruzam seu caminho são apenas figurantes ou elenco de apoio.

O **cronocentrismo**, conceito formulado pelo sociólogo Jib Fowles em 1974, encapsula os mesmos postulados, mas fundamentados na relação entre o tempo presente e os tempos passados. Fowles

descreve o cronocentrismo como “a crença de que nossos próprios tempos são de suma importância, que outros períodos empalidecem em comparação” (FOWLES, 1974, tradução do autor). Tal ilusão é apoiada na percepção de que a história do tempo atual é a que mais ressoa na vida do indivíduo, de que o passado é finito e concluído, destituído de sentimentos e emoções, suas histórias não são mutáveis como as do presente e seus atores não possuem o poder de alterá-la.

A percepção do distanciamento emocional entre o tempo presente e o tempo passado é, entre outros fatores, influenciada pelo fato de que o passado necessariamente se apoia em substratos documentais para ser observado, e o próprio envelhecimento desse substrato distancia o passado de uma percepção mais empática pelo observador no presente. Documentos escritos em papéis envelhecidos, registros iconográficos estilizados e uma cartografia de estética antiquada tornam o Brasil do século XVI mais emocionalmente distante do observador do presente, sendo os personagens quinhentistas considerados simplesmente nomes no papel, destituídos de vida, no

imaginário contemporâneo. Ao se quebrar a barreira do substrato, surge a possibilidade de induzir no observador do presente uma nova espécie de *sonder*, não por aqueles que o rodeiam atualmente, mas por aqueles que já passaram - a essa percepção podemos chamar de *chronosonder*. Subitamente, através da sensibilização do indivíduo pelo passado, tornam-se suas questões mais relevantes, suas discussões

mais vivas e o legado de suas escolhas mais palpável.

Ancorar essa humanização do passado na produção e apropriação do espaço geográfico pelos seus agentes humanos, na São Paulo do século XVI, é o desafio proposto no presente trabalho. Perceber o espaço geográfico como produto de agentes históricos, e a paisagem como uma configuração territorial com dimensão natural e antrópica é o que viabiliza o trabalho apresentado, o qual se liberta de buscar pretensiosamente por uma verdade inalcançável da reconstituição precisa do território, impossível à luz do próprio conceito de paisagem cunhado por Milton Santos, mas se baliza pela verossimilhança, própria do campo da ficção, para sondar camadas de historicidade mais profundas, especulando sobre interfaces entre homens e meio-ambiente, nativos e ádvenas, com foco no século XVI.

Pautados no lastro teórico de geógrafos, arquitetos-urbanistas e historiadores como Milton Santos, Aziz Ab'Sáber, Benedito Preziosi, Maurício de Abreu, Nestor Goulart Reis Filho e Eudes Campos Jr, ousamos ensaiar em caráter experimental a espacialização de São Paulo nos Quinhentos, trazendo luz a questões levantadas por pesquisadores ao longo de décadas, tais como de qual modo se organizava a paisagem natural piratiningana, com vastos campos, sempre citados nas fontes primárias, colinas de topo arredondado, rios meândricos com suas extensas várzeas - e como se dava a organização espacial da vila, com seu forte simbolismo militar-religioso, de raiz portuguesa, profundamente híbrido em suas sociabilidades.



Imagem 2: 'Eating rice', China. c. 1905. Ao sorrir, o modelo da foto distancia-se das poses tradicionais, mais sérias, dos primórdios da fotografia. Assim, a foto aparenta ser mais recente do que realmente é. Fonte: American Museum of Natural History.

Problematização

Os primeiros séculos paulistas tornaram-se campos de exploração de um ideal bandeirante e seu estudo esteve atrelado à valorização de São Paulo no âmbito nacional, com fortes acentos ideológicos. Tal ideologização do passado torna difícil compreendê-lo, pois pesquisas subsequentes apoiam-se seja em reafirmações da grandeza bandeirante, seja em argumentos contrários a ela. A discussão distancia-se de outras análises, como a cultura material cotidiana e seus reflexos no presente, e apoia-se em uma guerra de narrativas.

Os modelos físicos existentes de momentos da história paulistana (em especial a maquete de São Paulo em 1841, feita por encomenda de Afonso d'Escagnolle Taunay, parte do acervo do Museu Paulista, e a maquete da Colina Histórica no século XVII localizada no Museu Anchieta, no Pátio do Colégio) mostram-se como amparos visuais de uma narrativa histórica de São Paulo construída paulatinamente como base para a justificativa da pujança econômica paulista e que teve seu auge nas comemorações do IV

Centenário, em 1954. Entretanto tal narrativa foi sendo relativizada com o avanço dos estudos na área, como na tese de mestrado de Rodrigo da Silva, e hoje estudos como os do prof. Nestor Goulart e os do prof. Gustavo Neves da Rocha Filho propõem novas investigações, relativizando as verdades da historiografia paulista. Toma-se por exemplo a análise que o prof. Nestor Goulart faz sobre as dimensões do núcleo urbano quinhentista: Afonso de Freitas e Afonso Taunay, entre outros, propuseram que a vila de São Paulo teria como limites - seus muros defensivos - os vértices do Triângulo Histórico, a saber: as igrejas e conventos do Carmo, de S. Francisco e de S. Bento, amuralhando completamente a Colina Histórica. Nestor Goulart em "São Paulo: Vila, Cidade, Metrópole" (2004) refuta tal suposição, argumentando que tais dimensões seriam muito superiores às da cidade de Salvador no mesmo período, à época a maior cidade em solo brasileiro, o que mostra-se improvável de ocorrer, visto que, quando do desmonte da vila de Santo André da Borda do Campo, a Câmara considerou necessário ampliarem-se os muros para acomodar a população recém chegada - o que não

seria preciso caso os limites da vila fossem tão extensos quanto Taunay e Freitas propuseram. Ao atualizar o debate e as visões sobre a fundação da cidade de São Paulo, o trabalho ganha uma dimensão museográfica, servindo como suporte visual aos instrumentos de educação e cultura explorados neste campo do conhecimento.

Focando-se nos aspectos visuais da reconstituição da paisagem quinhentista, o trabalho possui inerentemente uma natureza especulativa e ficcional, visto que, para a produção de uma imagem coerente e completa, deve-se preencher lacunas deixadas pelas fontes primárias. Ainda que este trabalho não se proponha a ser um estudo historiográfico, e não siga metodologias particulares ao campo da História e nem almejando resultados semelhantes, as grandes discussões contemporâneas sobre a produção historiográfica

fica põem-nos em sincronia com a avaliação de Michel de Certeau, onde ao trabalho do historiador é atribuído um caráter autoral em sua produção textual, visto que, ainda que opere com evidências e vestígios, o historiador seleciona, organiza e enquadra suas fontes de acordo com suas preferências. O fazer historiográfico poderia ser entendido, sob essa óptica, como “o resultado de um trabalho de base linguística de transformação do passado por meio da narrativa, no ofício de reunir, selecionar e usar informações para a elaboração de um texto coerente.” (MELLO, 2010). Flertando tanto com a pesquisa histórica quanto com a ficção, entramos num território híbrido, bem explorado pelas obras da romancista Ana Miranda, na linha do “resgate ou reinvenção da história”, tais como “Boca do Inferno” (1989), sobre a vida e obra de Gregório de Matos e “Desmundo” (1996), sobre a situação das órfãs portuguesas enviadas ao Brasil nos Quinhentos, bem como na minissérie “A Muralha” redigida por Maria Adelaide Amaral para a Rede Globo.

Apropriando-se de elementos próprios aos romances literários, como a representação mais próxima da experiência individual, o trabalho permite ao observador relacionar-se com o espaço e a sociedade do século XVI de modo empático, dando vida à complexa realidade do que era a Vila de São Paulo dos Campos de Piratininga em seus primórdios, cheia de significados, sentimentos e realizações, de modo a driblar a Síndrome do Protagonista - onde o indivíduo sente como se a sua história de vida fosse a principal história do universo, e que outros são simples figurantes na história.



Imagem 3: Maquete de São Paulo no século XVI, parte do acervo do Museu Anchieta. Disponível em: <https://abussolaquebrada.com/>

Metodologia

Ao propor um desafio como a reconstituição da paisagem paulistana do século XVI, há de se deparar com uma multitude de atores que compõem tal paisagem. Assim o estudo proposto tem necessariamente um enfoque interdisciplinar, unindo campos como o da Geografia e Geomorfologia, Botânica, Arqueologia, Antropologia, História, Arquitetura e Urbanismo. Entende-se que tais campos possuem estreita relação, e, essa busca por descortinar um passado através das várias lentes do conhecimento possui reverberações ao se aplicar tais métodos ao estudo do presente. O campo do estudo da Paisagem e mesmo o projeto paisagístico podem se valer de tal pesquisa para dar corpo a uma compreensão mais ampla dos fatores que atuam na paisagem, e mesmo nos campos gerais da Arquitetura e Urbanismo (estudo e projeto) este enfoque interdisciplinar mostra ser válido, posto que ao se compreender aspectos geográficos, sociais e históricos as intervenções no ambiente humano podem ser estruturadas com maior critério.

Tendo como público-alvo acadêmicos e leigos, o trabalho proposto busca reconstituir virtualmente, por meio de mode-

lagem digital 3D, hipóteses sobre o processo de formação da paisagem urbana da Vila de São Paulo de Piratininga e seu entorno nos primeiros séculos, com ênfase na Colina Histórica, várzeas do Tamanduateí e Anhangabaú e o mosaico de matas e campos circundantes, a implantação do colégio dos jesuítas, casario e instituições dos primeiros colonos, formação da muralha e expansão da malha urbana. Buscou-se desenvolver uma pesquisa de natureza especulativa e lúdica, na qual conjecturalmente simulou-se uma reconstituição hipotética que colocou em debate diversos autores e teses, com o intuito de aquilatar as variáveis e vertentes ambientais que orientaram a implantação do núcleo urbano em interface com o poder de escolha dos diversos atores envolvidos, à luz do conceito de rugosidades de Milton Santos. Colocando em paralelo hipóteses sobre a interação antrópica e o meio, a ideia é compreender a teia de variáveis naturais e atores sociais que moldaram a paisagem inicial, numa perspectiva eminentemente especulativa e não positivista. Dessa forma, colocamo-nos de partida em confronto com as teses formuladas pelos clássicos da história de São Paulo, como Afonso d'Escragnoille Taunay, Afonso de Freitas, Aureliano Leite, e outros

protagonistas do Museu Paulista (MP), do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e da Comissão do IV Centenário, simulando hipóteses mais recentes de arqueólogos, geógrafos, botânicos e historiadores da Arquitetura e do Urbanismo, tendo em vista fomentar a discussão e a valorização sobre os primeiros séculos. Nesse quadro, são de especial valia as contribuições do geógrafo Aziz Ab'Sáber sobre a geomorfologia do planalto paulistano, do botânico Alfred Usteri sobre o quadro vegetal do entorno da cidade em processo de expansão nas primeiras décadas do século XX, de Benedito Preziosi acerca das alterações humanas pré-cabralinas no território, de Nestor Goulart Reis Filho e Eudes Campos sobre as origens da cidade e suas muralhas. Estas fontes secundárias em diálogo com fontes primárias tais como as Atas da Câmara, as cartas jesuíticas, o “Livro das Fortalezas” de Duarte d’Armas e os

relatos e imagens dos viajantes do século XIX, em paralelo com a seriação cartográfica, permitiram formular hipóteses conjecturais sobre as possibilidades de assentamento do núcleo. Somadas à miríade de fontes documentais, a própria arquitetura remanescente foi tratada como fonte, tais como a Capela de São Miguel, a casa de Anhanguera, em Santana de Parnaíba, a Vila de Carapicuíba, e em especial as casas bandeiristas paulistanas administradas pelo Museu da Cidade de São Paulo (MCSP), tendo papel de destaque na reconstrução digital da vila piratiningana.

Tendo em vista a natureza diversa das várias fontes e que o objetivo final do trabalho seria a produção de imagens completas e coerentes baseadas na São Paulo do século XVI, buscou-se hierarquizar as informações consultadas em três categorias:

1. Informações-chave: provém de fontes primárias sobre São Paulo quinhentista, e são tratadas como base para a reconstrução. Como exemplo, pode-se citar as menções sobre os muros defensivos da cidade nas Atas da Câmara de São Paulo, que os qualificava como feitos de taipa de pilão, cobertos de palha e que requeriam constante manutenção.

2. Hipóteses fundamentadas: decorrem de estudos feitos por pesquisadores e historiadores, a partir da análise de material primário, bem como similaridades entre a situação paulistana e outros objetos de estudo mais bem documentados. Visto que por vezes pesquisadores possuem hipóteses conflitantes entre si, parte

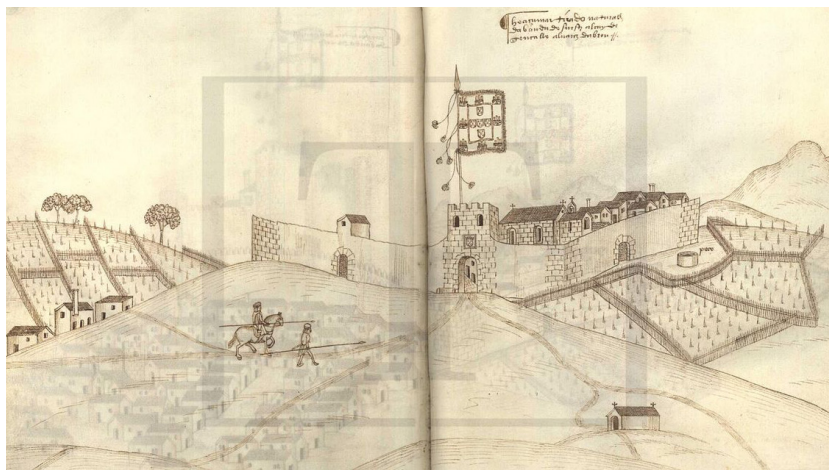
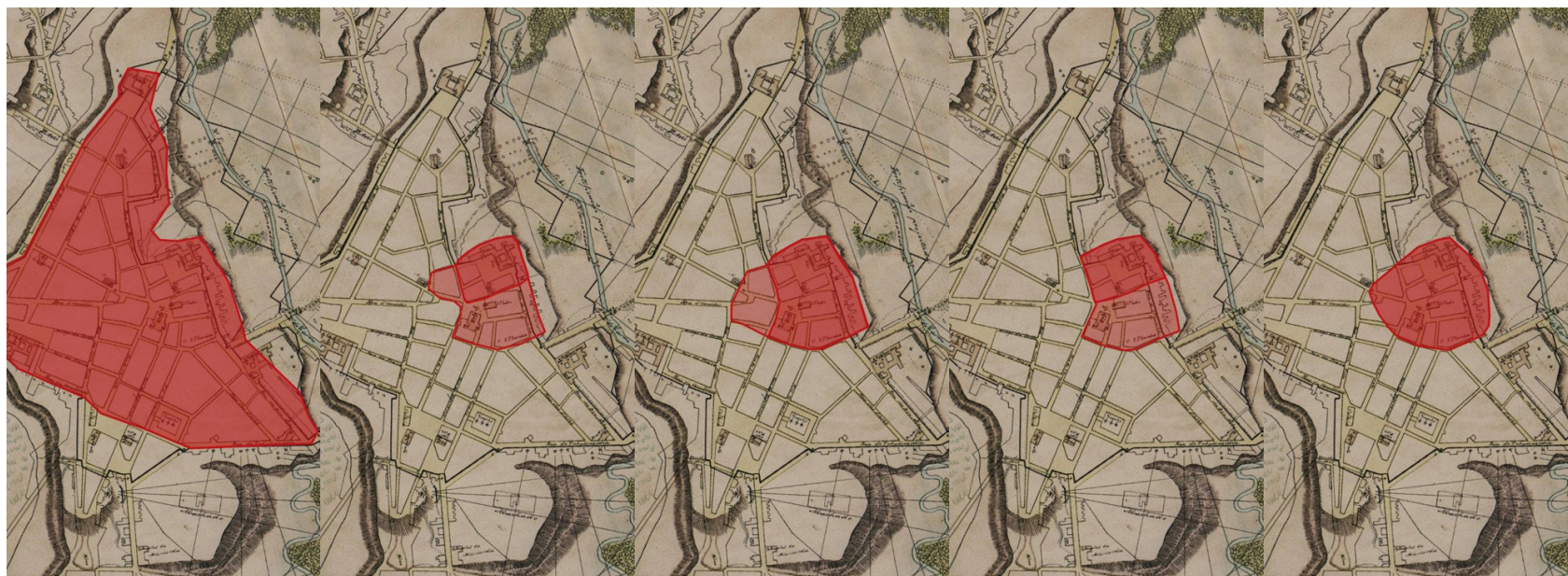


Imagem 4: Muralha de Assumar: Livro das Fortalezas de Duarte d’Armas (1509-10). Fonte: Arquivo Nacional Torre do Tombo.



Taunay, 1953

Nuto Sant'Anna, 1954

Nestor Goulart, 2004

Eudes Campos, 2012

Gustavo Neves, 2016

Imagem 5: Hipóteses de alguns autores sobre as dimensões da vila murada de São Paulo. Para realizar a reconstituição, foi adotada a hipótese do Arq. Eudes Campos (2012), que se mostrou a mais coerente quando sobreposta ao modelo tridimensional do terreno. Elaboração do autor, com base na “Carta da Capital de S. Paulo”, do Eng.º José Jacques da Costa Ourique, 1842. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1842.htm> >

deste trabalho envolveu a seleção de fontes que encaminhariam para um resultado coeso e verossímil. Exemplo de hipóteses fundamentais são os estudos de Nestor Goulart Reis, Gustavo Neves da Rocha Filho e Eudes Campos sobre o traçado das muralhas defensivas de São Paulo, baseados em fontes textuais e cartográficas, bem como na compreensão da tectônica da taipa de pilão e na geografia do território.

3. Informações adicionais: São essenciais para a espacialização

das duas primeiras fontes documentais, e o que traz verossimilhança à produção gráfica. Como por exemplo a parede de taipa remanescente do Pátio do Colégio possibilita inferir sobre a espessura e características físicas dos muros. Já o formato e altura dos baluartes foi inferido tendo como base o Presidio de San Augustín de Tucson, reconstrução recente de uma fortificação espanhola do século XVIII em solo estadunidense, em taipa e adobe e que possui características semelhantes ao traçado e propósito da muralha piratiniana.

O meio digital mostrou-se adequado para o trabalho de pesquisa proposto, visto que permite explorar as múltiplas conjecturas sobre o aspecto da colina histórica. Para a reconstituição foram utilizados os softwares QGIS®, especializado em material cartográfico; Sketchup®, para a criação do modelo tridimensional; V-Ray®, para tratar a iluminação, materiais e produção das imagens fotorrealistas e Adobe Photoshop®, para o trabalho de texturização e pós-produção das imagens. Também foi preponderante para a escolha de tal método a experiência adquirida através do uso frequente de tais softwares em projetos acadêmicos, em especial a pesquisa de suporte à monitoria da disciplina de Fundamentos de Projeto, realizada em 2015, onde foi realizada uma investigação da evolução

urbana de uma quadra na região da Sé, ocupada até a década de 1920 pelo Recolhimento de Santa Teresa, partindo de suas origens naturais, no século XVI até sua situação atual.

A primeira etapa do trabalho desenvolvida ao longo do TFG I consistiu em constituir a base teórica na qual fundamentaram-se as reconstituições digitais, tendo como articulador o pensamento do prof. Maurício de Abreu, pioneiro do conceito de Geografia Histórica no Brasil. Seu enfoque em compreender a articulação do espaço num tempo que já fora o presente foi o fio condutor da pesquisa por ele desenvolvida (ABREU, 2011), a fim de reconstituir conjecturalmente a composição da paisagem da Cidade

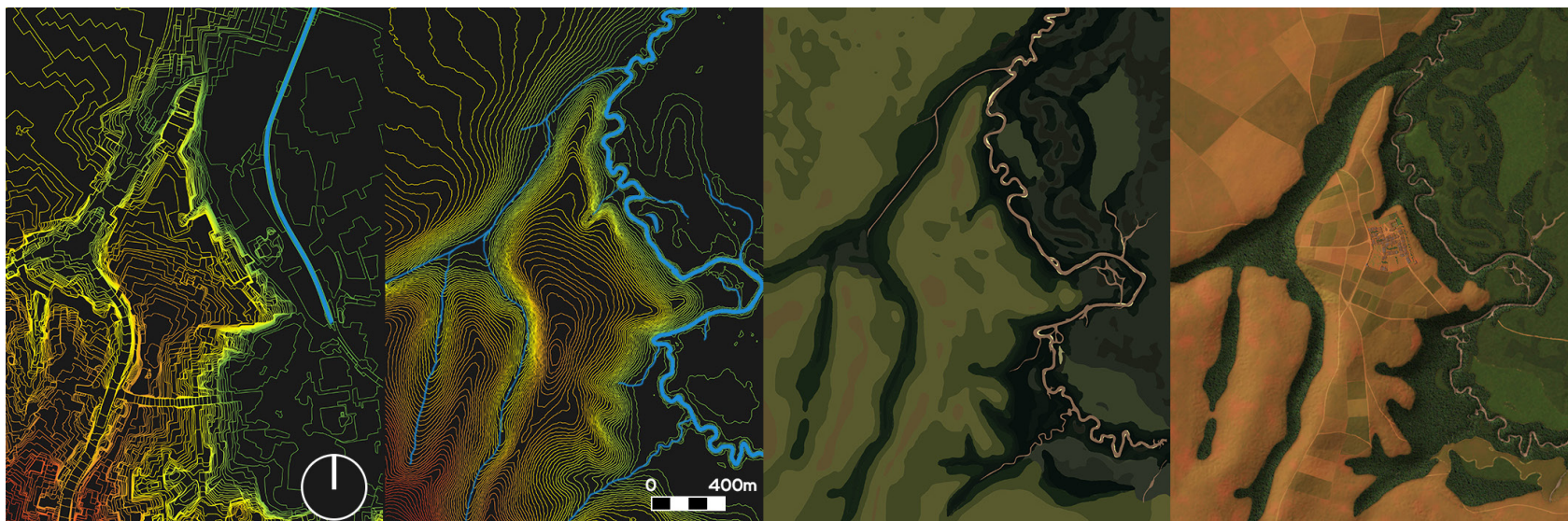


Imagem 6: Etapas de reconstituição da paisagem da Colina Histórica (elaboração do autor). 1. Terreno atual (fonte: MDC/Prefeitura de S. Paulo, 2010). 2. Reconstituição do relevo e hidrografia. 3. Reconstituição da vegetação, conforme alterada pelos Tupiniquins. 4. Aspecto da ocupação quinhentista, com trilhas, plantações e núcleo urbano.

de São Sebastião do Rio de Janeiro, sua fortificação no Morro do Castelo e sua expansão à beira-mar. Trazendo o tema para o contexto paulistano, foi necessário rever a bibliografia existente sobre a historiografia paulista, compreendendo a visão dos historiadores do Museu Paulista e do IHGSP à luz do trabalho de Rodrigo da Silva – Entre taipas e textos - e comparar seus escritos com a bibliografia recente, como as pesquisas de Nestor Goulart, Gustavo Neves e Eudes Campos.

A segunda etapa consistiu em reconstituir o aspecto natural do terreno de estudo: a Colina do Triângulo, o Vale do Anhangabaú e a várzea do Tamanduateí (imagem 1). O primeiro passo foi experimentar a reconstituição do aspecto geomorfológico. Para tal, recorreu-se primeiramente à cartografia atual, utilizando-se como base informações hipsométricas obtidas através do Mapa Digital da Cidade - MDC (Prefeitura de São Paulo, 2010). Utilizando-se da cartografia histórica, bem como análises de historiadores e documentos de época, mapeou-se hipoteticamente intervenções humanas na topografia, tais como canalização e retificação dos rios, drenagem e ocupação das planícies de inundação, impermeabilização dos solos, arrasamento de morros, construção de aterros, túneis e cabeceiras de viadutos e, de modo especulativo também, reconstituíram-se as curvas de nível originais do solo da área em análise. Tal reconstituição foi amparada pela bibliografia de Aziz Ab'Sáber acerca da geomorfologia urbana de São Paulo, bem como os trabalhos orientados pela prof.^a Cleide Rodrigues acerca de



Imagem 7: Parque Estadual do Juquery, em Franco da Rocha. Crédito: Humberto Lago Muller. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/>

abordagens espaço-temporais e geomorfologias antropogênicas no âmbito paulistano. Na sequência, dados sobre o clima, hidrologia e geologia foram compilados e mapeados e, embasados por tais dados hipotéticos sobre a composição vegetal e ecológica do ambiente. Para tal tarefa foram utilizados os estudos do botânico Alfred Usteri acerca da vegetação do entorno da cidade de São Paulo (1911), bem como as cartas jesuíticas e os relatos dos viajantes dos séculos XVIII e XIX, como John Mawe, Auguste de Saint-Hillaire e Spix & von Martius.

Após essa caracterização do ambiente natural a partir de sua hipsometria, hidrologia, geologia, clima e ecologia, partiu-se para a investigação das atividades humanas pré-coloniais no territó-

rio. Neste quesito foram valiosas as conjecturas de Gustavo Neves da Rocha Filho sobre a ocupação pré-europeia do território paulistano, embasada em especialistas como Curt Nimuendaju, Cristina Sá e Orlando Villas-Bôas. Outras fontes secundárias analisadas foram Egon Schaden, André Prous, Maria Cristina Scatamacchia e Rubens Giansella. Os relatos jesuíticos também se mostraram importantes, bem como a experiência de Hans Staden entre os tupinambás do litoral. Especial atenção, porém, foi dada à questão da pluralidade indígena, indagando-se em que medida é possível entender o modo de vida do tupiniquim do planalto tendo como fontes estudos sobre os tupinambás ou os povos do Xingu. Até onde tais comunidades encontravam-se isoladas o bastante para desenvolverem modos de vida distintos? Sua presença no território se daria de modo semelhante ao de seus vizinhos, mais bem estudados? Entende-se que, exceto por fontes arqueológicas, todo o conhecimento que se possui sobre os indígenas no século XVI vem de fontes europeias. Portanto entender a posição do europeu no contexto social da época é essencial para se compreender as particularidades do modo de vida indígena e, por conseguinte, apreender como se deu sua presença no território. Florestan Fernandes, em seu livro “Organização Social dos Tupinambá” (1963) nota que, para os objetivos ibéricos na costa atlântica da América do Sul não era de especial importância a individualização do gentio.

O terceiro momento do presente estudo envolveu a leitura de fontes primárias do século XVI. A ideia de paisagem qui-

nhentista que temos em mente no imaginário coletivo achata as rugosidades que nos fala Milton Santos promovendo uma visão única sobre a ocupação do planalto pelos ibéricos. Contrariamente, as fontes primárias revelam uma colina que era uma encruzilhada de veredas pré-cabralinas, sobre a qual foi estabelecida uma vila que se utilizou dessas trilhas com objetivos distintos daqueles que povos nativos tinham em mente ao traçá-las. Essas fontes primárias incluem as Cartas dos Jesuítas e as Atas da Câmara de São Paulo. É de especial importância entender que a sociedade colonial não fora nem uma ação completamente europeia e nem mesmo uma “mistura” das sociedades europeias e ameríndias. Na verdade, ela se estabeleceu como uma terceira via, como nos conta Michel de Certeau, com seu conceito de “fertilização mútua” em “A invenção do cotidiano” e Peter Burke, com o conceito de “hibridismo cultural”. Os estudos sobre a vila de São Paulo por Gustavo Neves da Rocha Filho, bem como o artigo de Eudes Campos, dão especial atenção a esta “terceira via”, reconfigurando elementos dos diversos atores envolvidos em meio às condicionantes da paisagem natural apropriada. Os estudos de Nestor Goulart Reis Filho colocam maior luz na vila colonial, reconstituindo sua arquitetura a partir de iconografia como o a cartografia atribuída aos engenheiros militares italianos a serviço da coroa portuguesa Alessandro Massai e Baccio da Filicaia (c.1609-1611) comparativamente a padrões urbanísticos e arquitetônicos de vilas portuguesas representados nos desenhos reunidos no Livro das Fortalezas de Duarte d’Armas (1509-10).



Imagem 8: Modelo digital da vila, sem texturas adicionadas. Deste ângulo, pode-se observar em primeiro plano o Largo da Matriz e, ao fundo, o Pátio do Colégio. Foram utilizados os softwares Sketchup e V-Ray. Elaboração do autor.

Com tais análises em mãos, a modelagem digital aqui proposta tomou forma. A seguir, listar-se-á as etapas da modelagem:

- Modelagem do relevo, a partir de cartografia adicional, bem como a indicação da hidrografia.
- Modelagem das espécies vegetais, a partir das listagens de Alfred Usteri, bem como de naturalistas atuais dedicados à paisagem paulistana. Paisagem natural construída baseada em remanescentes da vegetação original: Parque Estadual do Juquery (campos cerrados); Parque Ecológico do Tietê (várzeas e vegetação aquática); Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Itutinga-Pilões (mata ombrófila densa).
- Aplicação das espécies vegetais no relevo, de acordo com as categorias ecológicas elaboradas
- Implantação das ocupações indígenas: trilhas, capoeiras, plantações e aldeias - modelagem a partir de relatos históricos e outras fontes.
- Implantação das ocupações coloniais: Implantação de trilhas, construções civis e religiosas, muros defensivos, fazendas, entre outros.



Imagem 9: Ensaio de modelagem hipotética do retábulo quincentista da Igreja dos Jesuítas. Utilizando exemplos como as pinturas parietais da Capela de São Miguel e os retábulos quincentistas existentes em Salvador e Olinda, foi feita uma reconstrução do que poderia ser um retábulo paulistano, com influências renascentistas em sua forma e ornamentação, mas também utilizando-se dos pigmentos e técnicas Tupi de pintura. Elaboração do autor.

Processo de criação

Construir a paisagem paulistana do século XVI exigiu uma extensa pesquisa em fontes primárias documentais, cartográficas e iconográficas, bem como estudos analíticos sobre o tema, sintetizando informações dispersas em materiais gráficos com os quais se pôde trabalhar. Várias questões foram levantadas ao longo do processo de recriação da paisagem e que não foram respondidas pelas fontes primárias ou secundárias, geralmente questões que são de pouca relevância para a compreensão teórica daquela paisagem, mas que se mostraram essenciais para uma reconstituição verossímil da dita paisagem. Como exemplo pode-se citar o modo como um canteiro de taipa de pilão funcionava: de que modo a taipa, frágil na presença de umidade, era protegida ao longo do processo construtivo dos muros da edificação? Como era realizada a estocagem de materiais? Havia a construção de andaimes para a edificação de paredes altas? Tais questões não foram respondidas nas pesquisas, porém soluções plausíveis foram colocadas para permitir a realização das imagens. Do mesmo modo, uma grande lacuna foi causada pela ausência de vestígios materiais de anexos e ambientes

externos das fazendas bandeiristas, restando-nos apenas suas casas-sede. Amparado em pesquisas de propriedades rurais tanto no Brasil quanto em Portugal, pôde-se obter uma configuração territorial verossímil a essas chácaras e sítios que rodeavam a vila murada. Tal diálogo entre a pesquisa documental e a formulação de novas hipóteses permeou todo o processo de construção do modelo, que se mostrou um trabalho árduo e de grande complexidade.

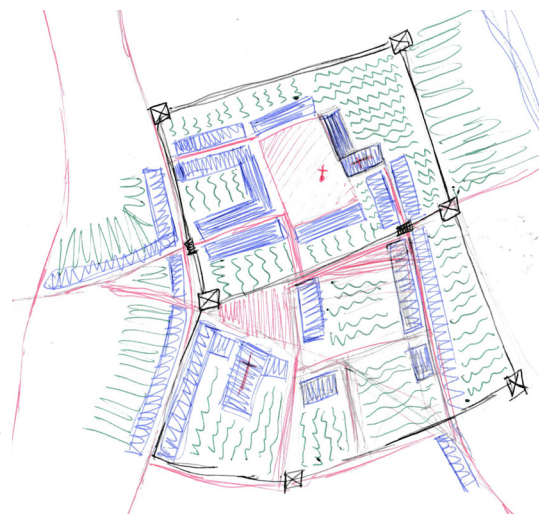
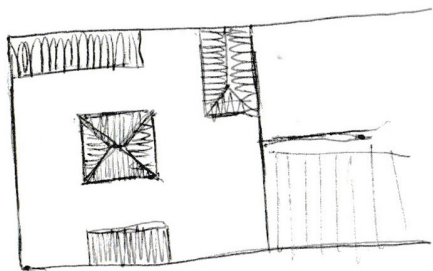


Imagem 10: Croqui da vila murada, com base em Eudes Campos. Elaboração do autor.

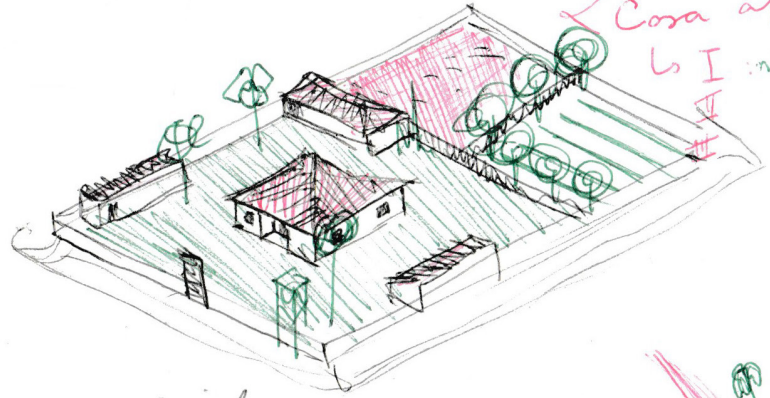


21: Minho habitações graníticas, sobradados adaptados a ^{eventos} lojas de animais no térreo e habitações superior.

22

Casa senana de Três-os-Mentes
 Casa beirã
 Casa alpendrada da Estremadura
 Casa de lavare do Minho
 Casa alpendrada de Murtoza

I mais antiga } pescadas
 II } lavadeiras



casa principal
 coberta da cozinha
 curral
 pátio
 dependências dos cativos
 casa de farinha

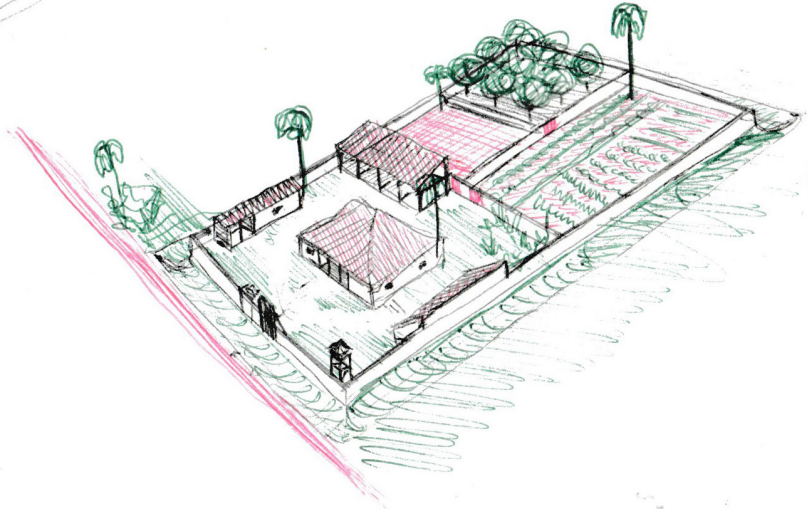


Imagem 11: Croqui de estudo da configuração espacial das fazendas bandeiristas. Elaboração do autor.

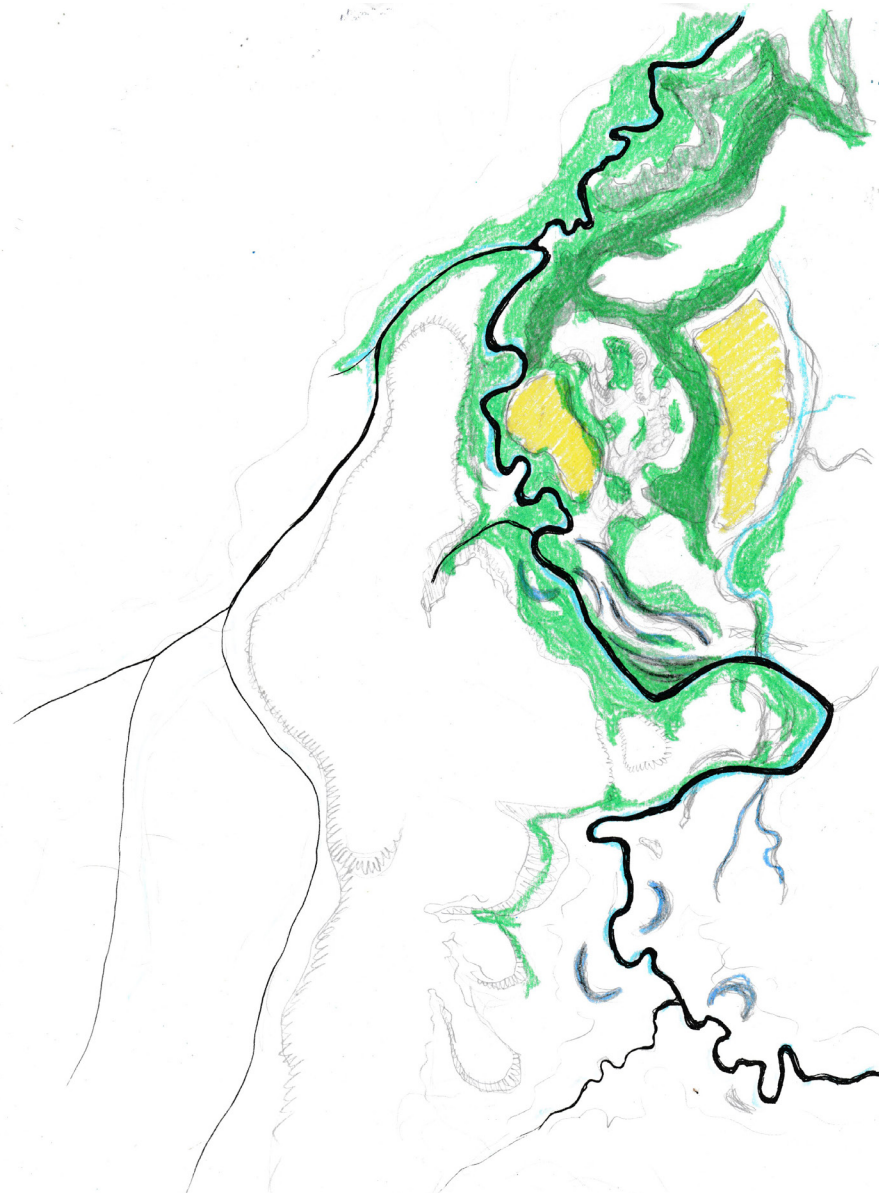


Imagem 12: Croqui de estudo das vegetações da Colina Histórica e adjacências.
Elaboração do autor.

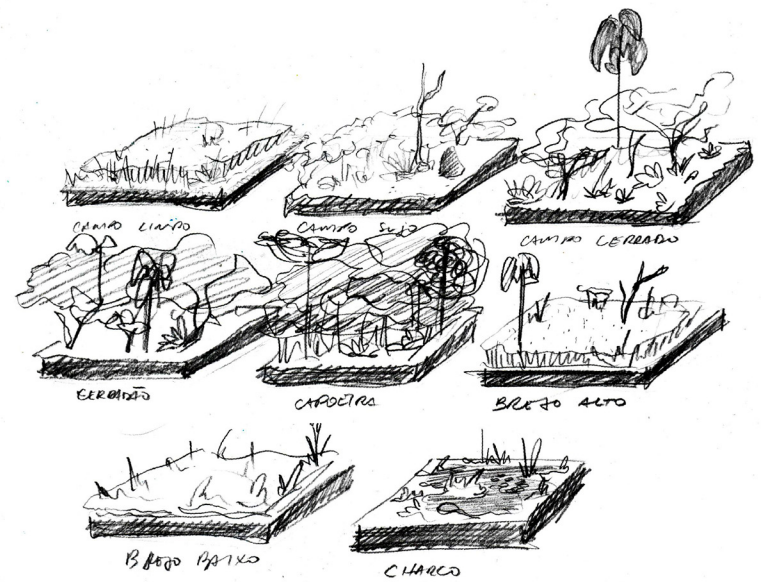


Imagem 13: Croqui de estudo dos tipos vegetais encontrados na região da Colina Histórica, segundo Aziz Ab'Sáber e Alfred Usteri. Elaboração do autor.

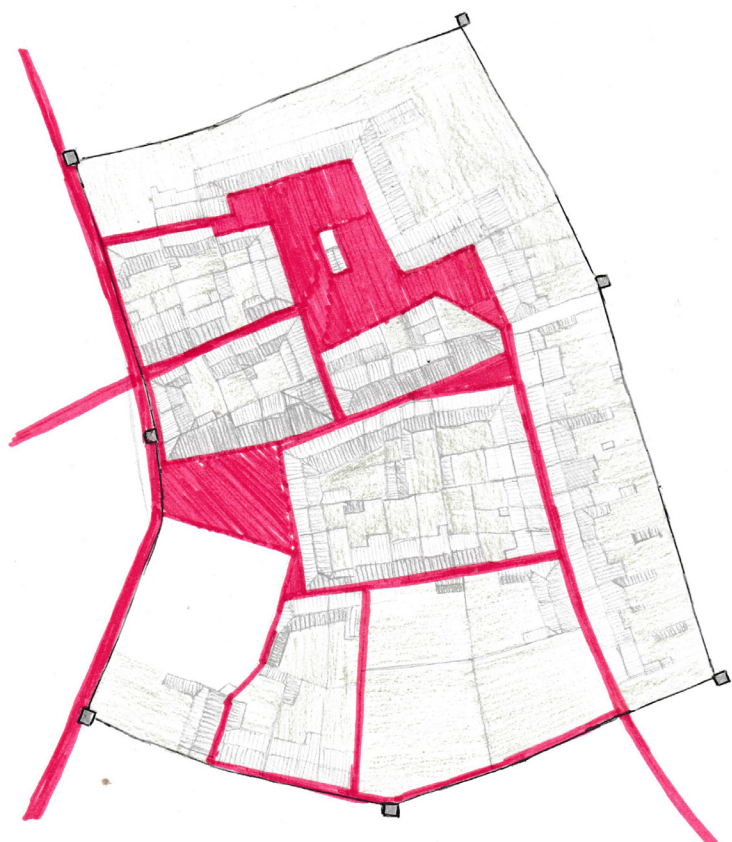


Imagem 14: Croqui de estudo das áreas construídas e áreas livres dentro da vila murada. Elaboração do autor.



Imagem 15: Detalhamento dos lotes e edificações dentro da área murada da vila. Elaboração do autor.

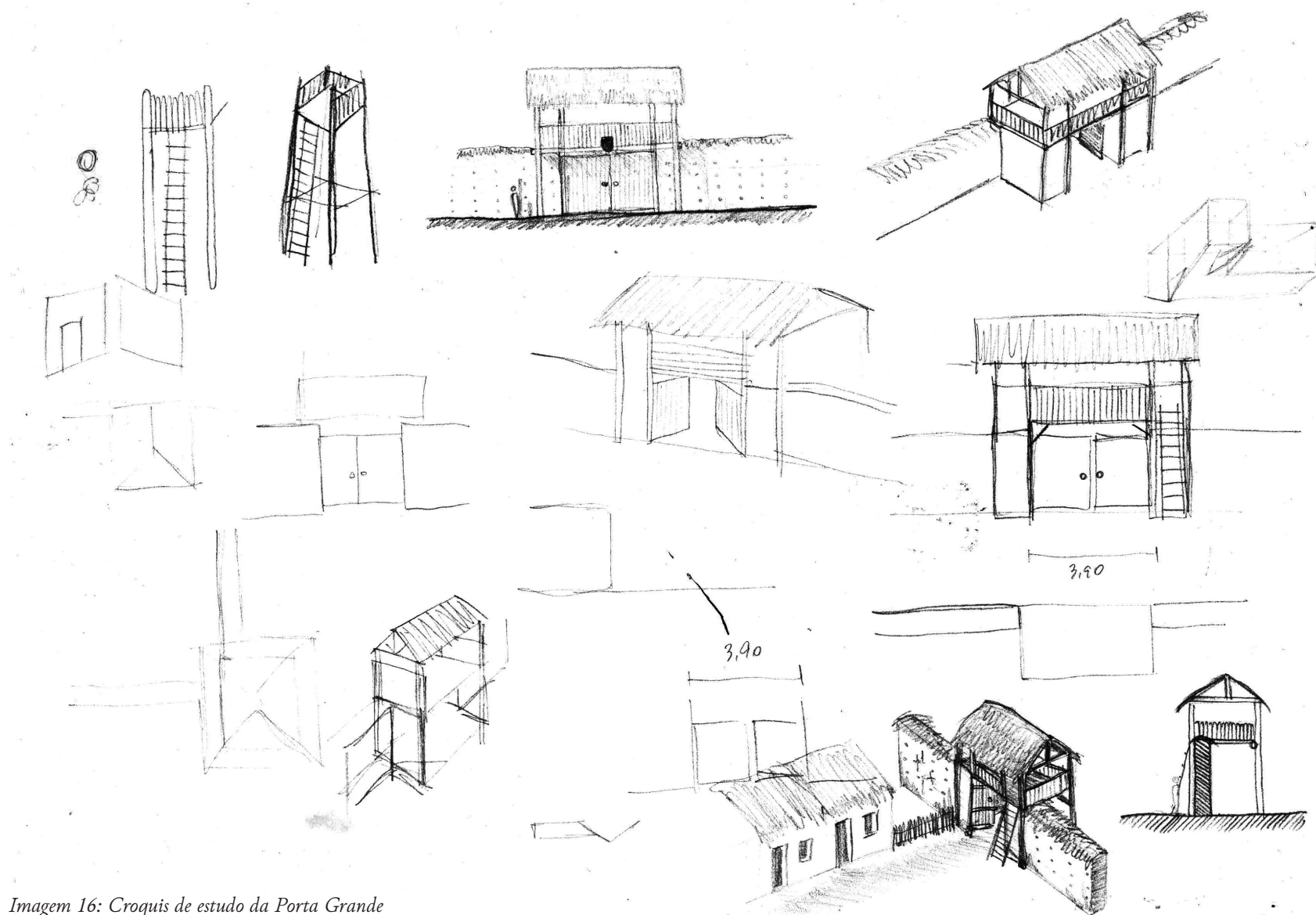
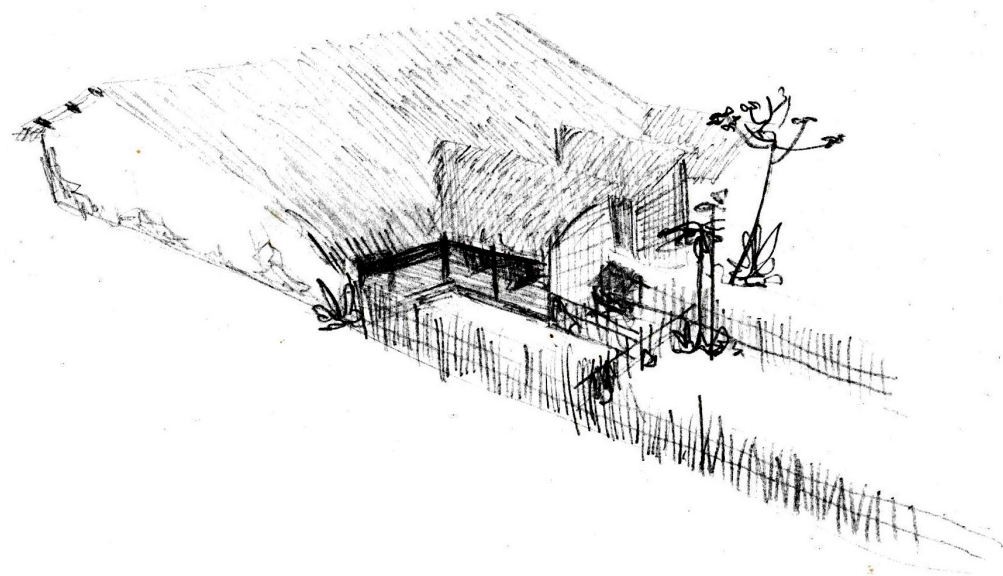
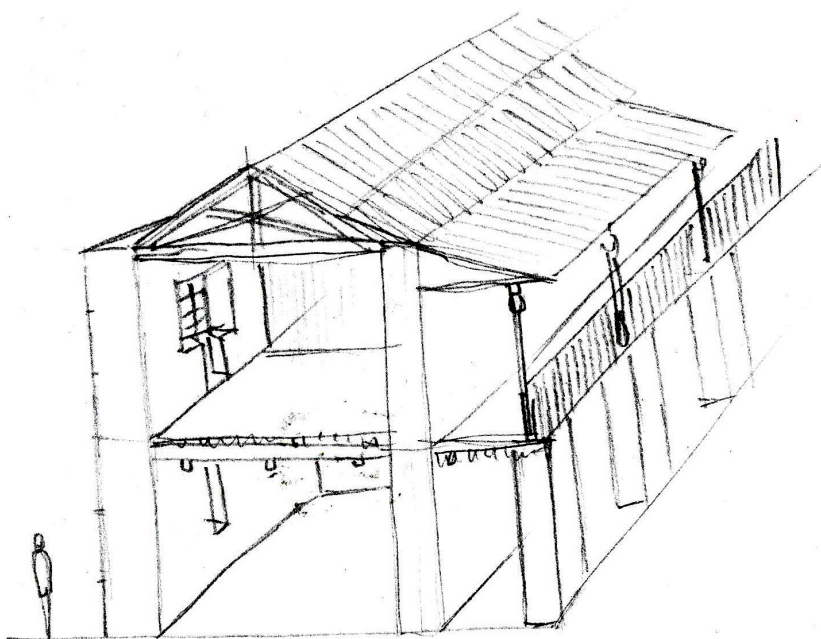


Imagem 16: Croquis de estudo da Porta Grande
Elaboração do autor.

*Imagem 13: Croqui de estudo de seção do Colégio Jesuíta
Elaboração do autor.*



*Imagem 17: Croqui de estudo de quintais.
Elaboração do autor.*



TE

CAPITANIA DE S. VISEN

TE

Imheios

A figura da
Cidade de S. Visen

Paisagens Quinhentistas

Vila de São Paulo

“A quarta vila da Capitania de S. Vicente é Piratininga, que está 10 ou 12 léguas pelo sertão e terra a dentro. É intitulada vila de S. Paulo, situada junto a um rio caudal; terá 120 fogos de Portugueses; não tem cura nem há outros sacerdotes senão os nossos, nem os Portugueses os querem aceitar; é terra de grandes campos, fertilíssima de muitos pastos e gados, de bois, porcos, cavalos, etc., e abastada de muitos mantimentos. Nelas se dão uvas e fazem vinho, marmelos em grande quantidade e se fazem muitas marmeladas, romãs e outras árvores de fruto da terra de Portugal.”

Carta do Padre José de Anchieta, 1585



Forca

“Assento acerca de mudar a forca donde está: E logo [...] mandaram a mim, escrivão, fazer este assento em como a eles [os oficiais] lhes tinha requerido o provedor do concelho que a forca do outeiro da Tabatinguera, por fazer prejuízo do mosteiro e leis de Nossa Senhora do Carmo [...] o que assentaram, que se pudesse armar no outeiro [...] defronte da cruz que está no caminho de Birapoera [...]”

Atas da Câmara de São Paulo, 28/11/1598



Campos de Piratininga

O grande dilema paulista foi sempre o de conquistar espaços às florestas e cerradões para encontrar campos de cultivo e áreas de pastagens. “Revanches” do meio físico, de diversas ordens de gravidade, não se fizeram esperar. Entretanto, cumpre lembrar, com a ajuda de um mínimo de bom senso, que não se poderia construir tanto em tão pouco tempo, sem o sacrifício de enormes extensões de matas tropicais primárias da região. Aqui, como alhures, nos trópicos úmidos, uma forte supressão das florestas foi uma condição preliminar para a produção e a seleção empírica dos espaços agrários. Ah! Se se pudesse recomeçar tudo de novo em novas bases!

Aziz Ab’Sáber, São Paulo: Ensaio Entreveros



Pátio do Colégio

“E este foi o primeiro Colégio formado que teve a Província do Brasil. Já neste tempo tinham quase acabado as casas, e Igreja de taipa de pilão, e não com pequeno suor dos nossos estudantes, que para a obra traziam às costas os cestos de terra e potes de água, no tempo que podiam poupar de seu estudo. Notavelmente luzio aqui o trabalho do bom Padre Afonso Brás, que foi o mestre, e juntamente obreiro, assim das taipas, como da carpintaria. Com esta última resolução se acomodaram Classes mais em forma, para ler, escrever e latim: e aplicaram-se a este Colégio os poucos bens de raiz que possuía a Casa de S. Vicente, ficando esta vivendo de esmolas, somente.”

*Padre Simão de Vasconcellos,
Crônicas da Companhia, 1672*



Colégio Jesuíta

Os padres têm uma casa bem acomodada, com um corredor e oito cubículos de taipa, guarnecida de certo barro branco, e oficinas bem acomodadas. Uma cerca grande com muitos marmelos, figos, laranjeiras, e outras arvores d'espinho, roseiras, cravos vermelhos, cebolas cecém, ervilhas, borragens, e outros legumes da terra e de Portugal. A igreja é pequena, tem bons ornamentos, e fica muito rica com o santo lenho, e outras relíquias que lhe deu o padre visitador.

Padre Fernão Cardim, 1535



Casa de Câmara e Cadeia

“Obra seguinte a saber: uma porta para se pôr na banda da rua para servir na Casa do Concelho e mais outra porta para a casa do meio que servirá de cadeia; uma grade na mesma porta a qual grade será de um coto da mão em quadra, e mais uma seda para o juiz estar assentado com sua mesa, que será de 3 palmos e meio de comprido, dois de largo, com seus assentos de uma banda e da outra para o escrivão e meirinho, e com degrau abaixo, e que o juiz tenha os pés e mais outra mesa para escrever o escrivão que será de dois palmos de comprido e três de largo, com dois bancos que será cada um de seis palmos a qual obra será boa e feita conforme para a obra e casa, que é de cadeia. Para a obra o concelho dará o prego, dará a ferragem que for necessária. [...]

Atas da Câmara de São Paulo, 14/08/1575



Igreja Matriz

“Praticaram sobre o fazer-se a igreja e todos foram de parecer que se faça igreja matriz, e que a câmara escreva ao senhor governador que mande provisão para se fazer a capela e haja vigário e quagitor e ornamentos e sino e tudo o mais necessário ao culto divino e acordaram que vinda a dita provisão e provimento fariam o corpo da igreja como são obrigados.”

Atas da Câmara de São Paulo, 07/02/1588



Porta Grande

“Foi dito e requerido aos ditos oficiais que suas mercês lhe mandassem alevantar a força às custas de quem direito for, e alevantar uma guarita que está sobre a Porta Grande e reparar as cercas e pelos ditos oficiais foi dito que eles o mandariam fazer quando fosse tempo, porquanto chovia.”

Atas da Câmara de São Paulo, 21/02/1564



Referências visuais

Paisagens naturais



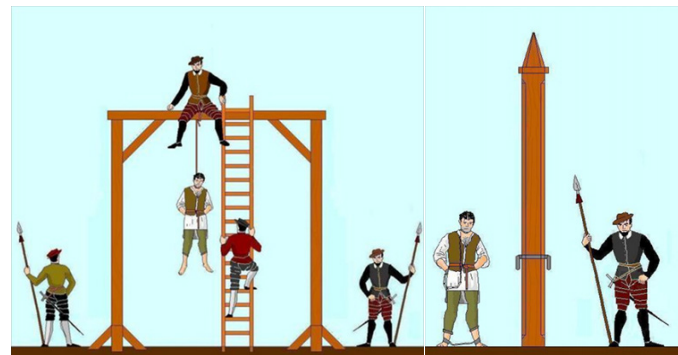
- (18) Parque Estadual do Juquery, Franco da Rocha - *vegetação de campos cerrados*
(19) Parque Estadual da Serra do Mar, Cubatão - *vegetação de Mata Atlântica*
(20) Área de Proteção Ambiental Várzeas do Tietê, Suzano - *vegetação de várzeas*

Espécies vegetais



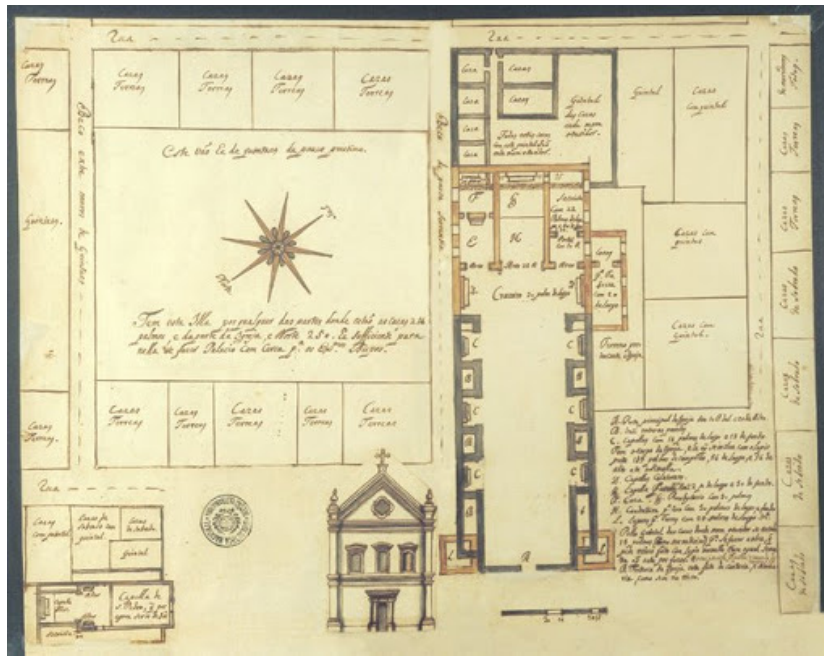
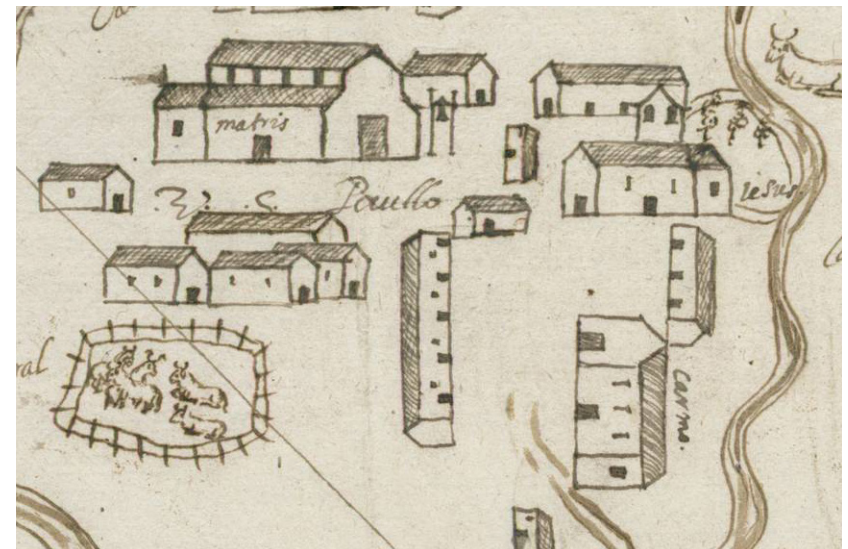
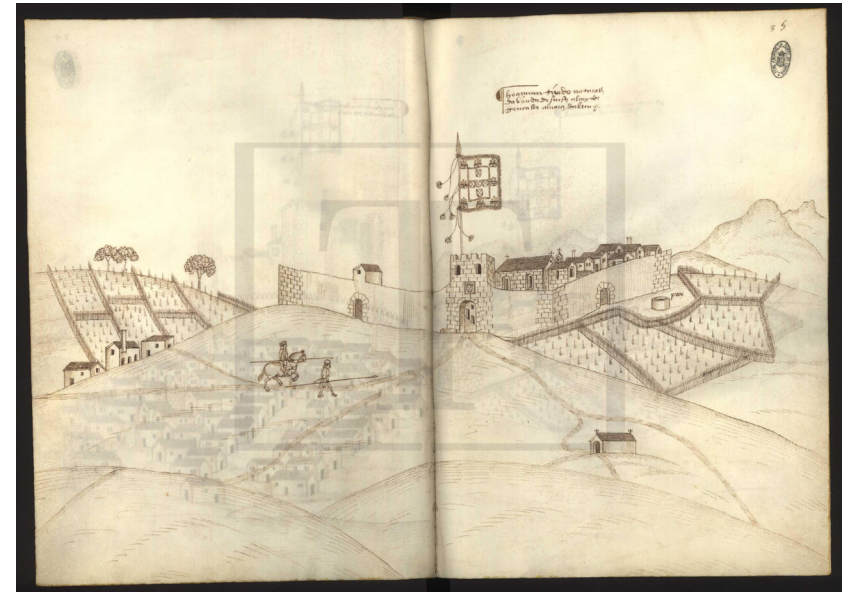
- (21) Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*)
- (22) Araucária (*Araucaria angustifolia*)
- (23) Embaúba (*Cecropia glaziovii*)
- (24) Capim rabo-de-burro (*Andropogon bicornis*)
- (25) Capim barba-de-bode (*Aristida pallens*)
- (26) Língua-de-tucano (*Eryngium paniculatum*)

Reconstituições do Arq. Eudes Campos



- (27) Reconstituição do Pátio do Colégio
- (28) Reconstituição da força da vila de São Paulo
- (29) Reconstituição do Pelourinho da vila de São Paulo
- (30) Hipótese do sistema defensivo da vila
- (31) Reconstituição da Casa de Câmara e Cadeia

Arquitetura em documentação primária

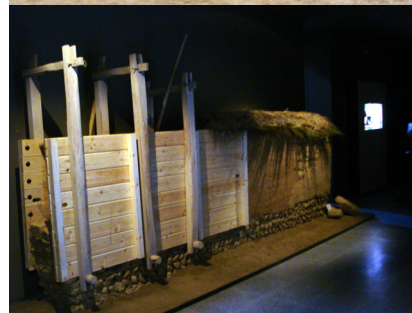


(32) Planta de uma reforma na Igreja da Sé, c. 1746. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Portugal.

(33) Assumar: Livro das Fortalezas de Duarte d'Armas (1509-10). Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

(34) Alexandre Massati, Capitania de S. Visente, c. 1608-1616. Real Academia de La Historia, Madrid, Espanha.

Arquitetura civil, militar e religiosa

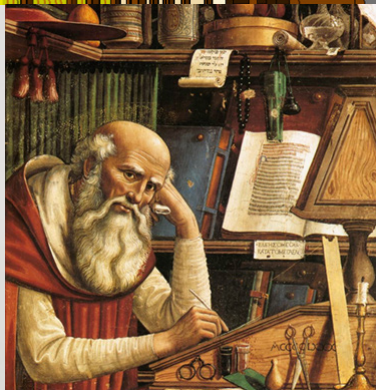


- (35) Sítio do Padre Inácio, Cotia, SP
- (36) Igreja dos Reis Magos, Serra, ES
- (37) Capela de São Miguel, São Paulo
- (38) Aldeia de Carapicuíba, SP
- (39) Igreja N. Sª da Assunção, Anchieta, ES
- (40) Esquema construtivo da taipa de pilão, Museu Etnográfico de León, Espanha
- (41) Arquitetura vernacular em pau-a-pique, Codó, MA



- (42) Presidio de San Agustín del Tucson, EUA
 (43) Capela do Morumbi, MCSP, São Paulo, SP
 (44) Muralhas Merínidas, Ceuta, Marrocos
 (45) Pared de taipa de pilão, Pátio do Colégio, São Paulo, SP

Mobiliário e interiores



(46) Reconstituição do interior da Casa de Câmara e Cadeia de São Paulo - Eudes Campos

(47) Cadeira com encosto de couro, século XVII, Fundação Guerra Junqueira, Portugal

(48) São Jerônimo em seu estúdio, Domenico Ghirlandaio, Itália, 1480

(49) Casa de Anbanguera, Santana de Parnaíba, SP

Tipos humanos e indumentária



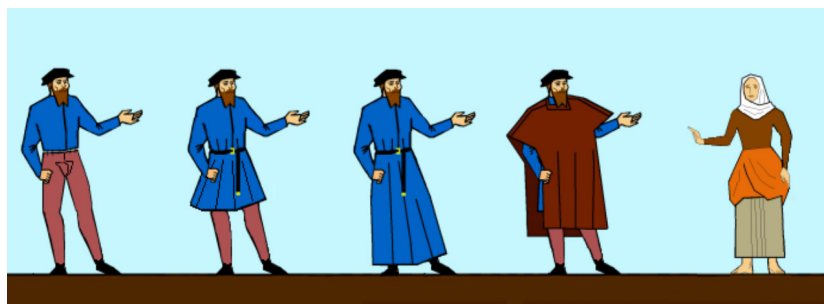
(50) Índio Tupi, Albert Eckhout

(51) Índia Tupi, Albert Eckhout

(52) Traje de corte masculino à espanhola, 1655. Skokloster Castle. Museo del Traje, Madrid

(53) *Las très riches heures du Duc de Berry*, c. 1412-16

(54) Ensaio de reconstituição de trajes paulistanos datados de 1585. Eudes Campos

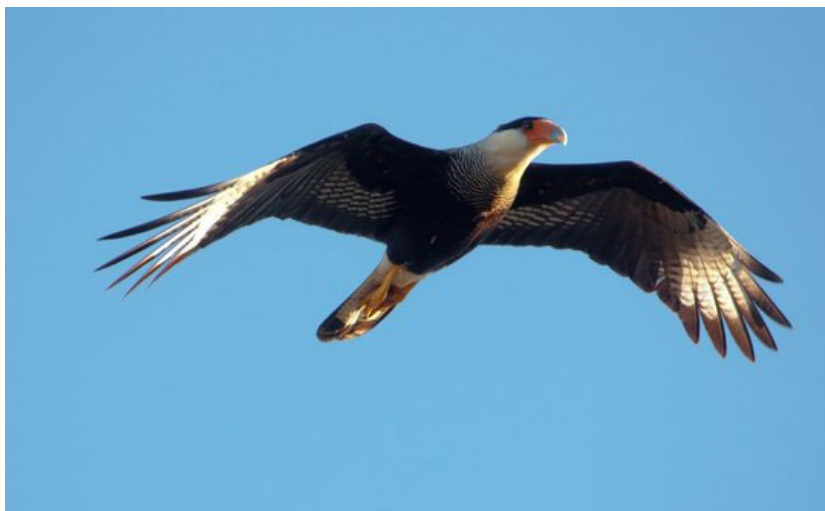


Espécies animais de origem europeia



- (55) Porco ibérico
- (56) Gado alentejano
- (57) Cavalo galego
- (58) Mula
- (59) Cão perdigueiro português
- (60) Galinha branca portuguesa

Espécies animais nativas brasileiras



(61) Carcará
(*Carcara plancus*)

(62) Papagaio-verdadeiro
(*Amazona aestiva*)

(63) Coruja-buraqueira
(*Athene cunicularia*)

(64) Tucano-de-bico-verde
(*Ramphastos dicolorus*)

(65) Urubu-de-cabeça-preta
(*Coragyps atratus*)





amhayaabahi
agua de frito
cardiabo

S. Anjo

mi. J. J.
C. J. J.

S. Bento

memoria f. i.
agua de frito

matris

S. Paulo

lesus

carma.

campus

Serguas de laipade Ditas
com scuola
asi temoras
ella Almorar
ures eunhas
dentro.

fatendas

Castade
Jordis
nos campos

Del
qua

Par
Jan
Dita

cura de parana Dita

mi sente

loseski Nis Niboras
la muitas uandor he
Guajdar no Nis Darnada

Considerações finais

Quem determina o que é esquecido, quando é esquecido, por quê é esquecido e como é esquecido? Em *Memória da amnésia* - política do esquecimento, livro e exposição realizada no Museu da Cidade de São Paulo em 2019, Gisele Beiguelmann fala da questão transversal, do processo de globalização, da cultura do esquecimento. Versa sobre a overdose documental do hoje, inflação discursiva em torno do tema da memória. Com foco no contexto brasileiro, acompanha as dinâmicas das políticas de preservação da memória, alertando para os memoricídios, narrativas sobre a história do país suprimindo seus atores fundamentais, desde os indígenas à escravidão negra, à história do trabalho. Alerta também sobre a maneira como a memória da nossa história recente tem sido atacada como política pública, cerceando o acesso a documentos e arquivos, negando certas temáticas, num descaso reiterado por instituições devotadas à pesquisa em arqueologia e antropologia e história no país, como o Museu Nacional - que não por acaso pereceu ao fogo - e os inúmeros Museus das Cidades sem qualquer visibilidade em nosso país. Seu livro e sua exposição são um chamado para a reflexão sobre a

história das políticas de memória como políticas do esquecimento e alertam para o papel dos Museus das Cidades e seus recursos expositivos para dar luz ao passado, seus atores invisibilizados, seus espaços e cultura material reiteradamente descartados e apagados da memória coletiva.

São Paulo selecionou seu passado, valorizou seus símbolos, mas deixou de fora da narrativa oficial pontos cruciais para o entendimento da sua história, tais como este passado vivo ainda reverbera na sociedade e espaço atuais. O presente trabalho busca reviver o passado paulistano de uma nova maneira, não mais sob a égide ufanista da historiografia clássica, mas numa nova perspectiva, criando empatia pelos seus atores e valorizando as figuras que produziram este espaço, numa viagem no tempo com forte apelo a aspectos da materialidade da vida urbana em São Paulo no século XVI.

(Imagem 66 (página anterior): Alexandre Massai, Capitania de S. Visente, c. 1608-1616. Real Academia de La Historia, Madrid)

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. **Geografia histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2010.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **São Paulo: ensaios entreveros**. São Paulo: EDUSP, 2004. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=SQAZ_-ESVoC&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=true >

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

ANCHIETA, Pe. José. Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594). **Publicações da Academia Brasileira**. Rio de Janeiro, v. II-História, n. Cartas Jesuíticas III, p. 562, 1933. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or84081/or84081.pdf>

ARAKI, Ricardo. **A história do clima de São Paulo**. Unicamp, Campinas, 2012.

ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO (1562 - 1596 e 1596 - 1622). São Paulo: Arquivo Municipal de São Paulo/ Departamento de Cultura, 1914 - 1951. (v. 1 a v. 3). Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>>

BEIGUELMAN, Giselle. **Memória da amnésia: políticas do esquecimento**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

BENINCASA, Vladimir. **Fazendas paulistas - Arquitetura rural no ciclo cafeeiro**. Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-14032008-151048/pt-br.php>>

CAMPOS, Eudes. A vila de São Paulo do Campo e seus caminhos. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. 204, p. 11-34, 2006. Disponível em: <<https://www.arquipaulistana.com/estudos>>.

CAMPOS, Eudes. A Vila de São Paulo em seus primórdios - ensaio de reconstituição do núcleo urbano quinhentista. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. 204, p.

10–34, 2012. Disponível em: <<https://www.arquipaulistana.com/estudos>>.

CARDIM, Pe. Fernão. **Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica**. Lisboa [Portugal]: Imprensa Nacional, 1847. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4790?locale=en>>

CARTAS DE DATAS DE TERRA. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937-1939. (v.6 e v.11).

CRUZ, Cícero Ferraz. **Fazendas do sul de Minas Gerais. Arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX**. 2008. Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-17022009-113505/pt-br.php>>

DE ALMEIDA, Renata Geraissati Castro. Os limites entre a História e a Ficção. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 9, n. 22, 31 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1149>>

DE ARMAS, Duarte. **Livro das Fortalezas**. 1510. Fac-símile do Ms. da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. 2.^a ed. Lisboa [Portugal]: Edições Inapa, 1997. Disponível em: <<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**:

artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

DE LÉRY, Jean. **Viagem à Terra do Brasil**. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Editora da Biblioteca do Exército, 1961. Disponível em: <<https://docs.ufpr.br/~lgeral-do/lery.pdf>>

DE TOLEDO, Roberto Pompeu. **A Capital da Solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2012.

DE TOLEDO, Benedito Lima. **São Paulo: Três cidades em um século**. São Paulo: Cosac Naify. 2004.

DE VASCONCELLOS, Pe. Simão. **Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil**. 2. ed. Lisboa, Lopes, A.J. Fernandes, 1865. v. 1. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242811>>

DESMUNDO. Direção e produção: Alain Fresnot. Co-produção Columbia Tristar Brasil. Brasil, 2003. (98m). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=O-paYMd8LMRw>>

DIAMOND, Jared. **Colapso: Como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.

FOWLES, Jib. On chronocentrism. **Futures**, , v. 6, n. 1, p. 65–68, 1974. Amsterdam [Países Baixos], Elsevier Ltd. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0016328774900081>>.

GIANESELLA, Rubens. Gêneses urbanas do colonialismo: síntese de encontros culturais. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 165–200, 2012.

GIANESELLA, Rubens Ramos. **Paisagens no tempo: vilas litorâneas paulistas**. 2008. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GOMES, Warley Alves. O Fingir Historiográfico: a Escrita Da História Entre a Ciência e a Ficção. **Revista de Teoria da História**. Ano 3, Número 6, dez/2011. Universidade Federal de Goiás, Goiânia. V. 6, n. 2, p. 65–91, 2011.

HOENNE, Frederico Carlos. **Botânica e agricultura no Brasil no século XVI (pesquisas e contribuições)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 410, 1937.

JAYO, Martin. Memória urbana e esquecimentos paulistanos. **Revista GV-Executivo**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 42–45, 2013.

KOENIG, John. **The Dictionary of Obscure Sorrows - sonder**. Disponível em: <www.dictionaryofobscuresorrows.com>.

com/post/23536922667/sonder>. Acesso em: 24/11/2020.

LEITE, Pe. Serafim. **Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1956 - 1958. 3 v.

LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. **Cozinhas, etc: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

MIRANDA, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORCELLI, Danilo da Costa. A memória da cidade de São Paulo: ensaios periféricos, palimpsesto e tabula rasa. **Revista Confluências Culturais**, Joinville: , v. 4, n. 1, p. 31, 2015.

MOROZ, Isabel Cristina; GOUVEIA, Caccia; RODRIGUES, Cleide. **Da originalidade do sítio urbano de São Paulo às formas antrópicas: aplicação da abordagem da Geomorfologia Antropogênica na Bacia Hidrográfica do Rio Tamanduateí na Região Metropolitana de São Paulo**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PAVÃO, Tatiana. **O papel do Estado e das políticas públicas na conservação biológica na região metropolitana de São Paulo**. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

PREZIA, Benedito Antonio Genofre. **Os Tupi de Piratininga: acolhida, resistência e colaboração**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/3985>>

REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo: vila, cidade, metrópole**. São Paulo, Prefeitura de São Paulo, 2004

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. Barueri: Editora Nobel, 1985.

SILVA, Rodrigo da. **Sobre taipas e textos um estudo sobre as narrativas a respeito da Cidade de São Paulo**. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

SILVA, Rodrigo da. **De rios e colinas: a cidade de São Paulo entre os séculos XVI a XVIII. Um estudo sobre a tradição urbanística de origem lusitana e suas transformações à época do Iluminismo**. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. 1903. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973

SOUTEIRO, Filipa Maria Sumares. **A Casa Rural Paulista dos Séculos XVII e XVIII e a Cultura Arquitectónica Europeia**. Lisboa [Portugal], Instituto Superior Técnico de Lisboa, 2016.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Tradução de Angel Bojadsen. Porto Alegre, L & PM Editores, 2007.

STEVENS, Michael. **Illusions of Time**. 2021. (31m07s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zHL9GP_B30E>. Acesso em 08/01/2021.

TURCARELLI, Tobias. **Antropogeomorfologia de Piratininga**. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

USTERI, Alfred. **Flora der umgebung der stadt Sao Paulo in Brasilien**. Jena [Alemanha], G. Fischer, 1911. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/92478>>.

VELLOSO, Gustavo. **Ociosos e sedicionários: populações indígenas e os tempos do trabalho nos Campos de Piratininga (século XVII)**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VIEIRA, Andreza da Silva; MENEZES, Sezinando Luiz; COSTA, Célio Juvenal. **O cotidiano da Vila de São Paulo do século XVI por meio das Atas da Câmara**. Maringá, 2017.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na Casa Bandeirista**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Referências visuais

(18) Parque Estadual do Juquery, Franco da Rocha. Disponível em <<https://trilhasepasseios.com.br/2015/06/parque-do-juquery.html>>

(19) Parque Estadual da Serra do Mar, Cubatão. Disponível em <<https://www.oeco.org.br/tag/parque-estadual-da-serra-do-mar/>>

(20) Área de Proteção Ambiental Várzeas do Tietê, Suzano. Foto: Wanderley Costa/Secop-Suzano. Disponível em <<https://www.diariodesuzano.com.br/cidades/suzano-passa-a-integrar-conselho-gestor-da-apa-da-varzea-do-tiete/46756/>>

(21) Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) Disponível em <https://www.mudasbrotoverde.com.br/index.php?route=product/product&product_id=152>

(22) Araucária (*Araucaria angustifolia*) Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Imagem_de_Araucaria_angustifolia.jpg>

(23) Embaúba (*Cecropia glaziovii*) Disponível em <<https://homemverde.com/umbauba/>>

(24) Capim rabo-de-burro (*Andropogon bicornis*). Disponível em <http://www.cybertruffle.org.uk/vinales/eng/andropogon_bicornis.htm>

(25) Capim barba-de-bode (*Aristida pallens*) Foto de Dr. Jesús Valdés Reyna. Disponível em <<https://ciencias.jornada.com.mx/2017/11/22/por-su-valor-estudian-a-las-gramineas-para-proponer-estrategias-de-manejo-y-conservacion-808.html>>

(26) Língua-de-tucano (*Eryngium paniculatum*)

Disponível em <<https://www.cerradoinfinito.com.br/24-lingua-de-tucano>>

(27), (28), (29), (30), (31) e (32) Reconstituições hipotéticas do aspecto da vila de São Paulo no século XVI. Eudes Campos. Disponível em <<https://www.arquipaulistana.com/estudos>>

(32) Planta de uma reforma na Igreja da Sé, c. 1746. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Portugal. Disponível em <<http://www.sudoestesp.com.br/file/colecao-imagens-periodo-colonial-sao-paulo/667/>>

(33) Assumar: Livro das Fortalezas de Duarte d'Armas (1509-10). Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. Disponível em <<https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>

(34) Alexandre Massaii, Capitania de S. Visente, c. 1608-1616. Real Academia de La Historia, Madrid, Espanha. Disponível em <https://bibliotecadigital.rah.es/es/catalogo_imagenes/grupo.do?path=1009226&presentacion=pagina&posicion=1®istrardownload=0>

(35) Sítio do Padre Inácio, Cotia, SP. Disponível em <<http://www.ipatrimonio.org/cotia-sede-do-sitio-padre-inacio/#!/map=38329>>

(36) Igreja dos Reis Magos, Serra, ES. Disponível em <<http://www.descortinandohorizontes.com/2013/12/igreja-dos-reis-magos-em-nova-almeida-serra-es.html>>

(37) Capela de São Miguel, São Paulo. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:S%C3%A3o_Paulo_-_Capela_de_S%C3%A3o_Miguel_Arcanjo_-_bairro_S%C3%A3o_Miguel_Paulista_por_Carlos_Alckmin.jpg>

(38) Aldeia de Carapicuíba, SP. Disponível em <<https://jornaldaqui.com.br/aldeia-de-carapicuiiba/>>

(39) Igreja N. S^a da Assunção, Anchieta, ES. Disponível em <<https://www.anchieta.es.gov.br/noticia/ler/83670/municipio-desenvolve-projeto-iconografico-para-o-santuario>>

(40) Esquema construtivo da taipa de pilão, Museu Etnográfico de León, Espanha. Disponível em <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tapialdebarro.jpg>>

(41) Arquitetura vernacular em pau-a-pique, Codó, MA. Google Maps. Disponível em <<https://www.google.com/maps>>

(42) Presidio de San Agustín del Tucson, EUA. Disponível em <http://www.fortwiki.com/Presidio_of_Tucson>

(43) Capela do Morumbi, MCSP, São Paulo, SP. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Capela_do_Morumbi_05.jpg>

(44) Muralhas Merínidas, Ceuta, Marrocos. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Murallas_merin%C3%ADes_de_Ceuta.jpg>

(45) Parede de taipa de pilão, Pátio do Colégio, São Paulo, SP. Disponível em <<https://checkinsaopaulo.com/pateo-do-colegio/>>

(46) Reconstituição do interior da Casa de Câmara e Cadeia de São Paulo - Eudes Campos. Disponível em <<https://www.arquipaulistana.com/estudos>>

(47) Cadeira com encosto de couro, século XVII, Fundação Guerra Junqueira, Portugal. Disponível em <<https://medievalista.fcsh.unl.pt/MEDIEVALISTA22/pereira2205.html>>

(48) São Jerônimo em seu estúdio, Domenico Ghirlandaio, Itália, 1480. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Domenico_Ghirlandaio_-_St_Jerome_in_his_study.jpg>

(49) Casa de Anhanguera, Santana de Parnaíba, SP. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=450385&view=detalhes>>

(50) Índio Tupi, Albert Eckhout. Disponível em <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Homtupinamba.jpg>>

(51) Índia Tupi, Albert Eckhout. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:India_tupi.jpg>

(52) Traje de corte masculino à espanhola, 1655. Skokloster Castle. Museo del Traje, Madrid. Disponível em <<https://www.arquipaulistana.com/estudos>>

(53) Las très riches heures du Duc de Berry, c. 1412-16. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Les_Tr%C3%AAs_Riches_Heures_du_duc_de_Berry_juillet_braies.jpg>

(54) Ensaio de reconstituição de trajes paulistanos datados de 1585. Eudes Campos. Disponível em <<https://www.arquipaulistana.com/estudos>>

(55) Porco ibérico (*Sus domesticus*). Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cerdos_ibericos.jpg>

(56) Gado alentejano (*Bos taurus*). Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vaca_rubia_en_Cumbras_-_Mes%C3%ADa_-_Galiza.jpg>

(57) Cavalo galego (*Equus caballus*). Disponível em <<https://thepixelnomad.com/cabalo-galego/>>

(58) Mula (*Equus caballus* x *Equus asinus*). Disponível em <<https://www.mfrural.com.br/detalhe/319499/mula-pegas>>

(59) Cão perdigueiro português (*Canis lupus familiaris*). Disponível em <<https://www.alphadogs.com.br/grupo-7-continuacao-caes-apontadores-perdigueiro-portugues/>>

(60) Galinha branca portuguesa (*Gallus gallus domesticus*). Disponível em <<https://fontesechafarizes.wordpress.com/category/curiosidades/>>

(61) Carcará (*Carcara plancus*). Disponível em <<https://chiquinhodornas.blogspot.com/2020/02/o-voo-do-carcara.html>>

(62) Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*). Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papagaio_\(F%C3%AÄmea\)_REFON_010907.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papagaio_(F%C3%A4mea)_REFON_010907.jpg)>

(63) Coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*). Disponível em <http://www.avesderapinabrasil.com/athene_cunicularia.htm>

(64) Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*). Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tucano-de-bico-verde_-_Ramphastos_dicolorus_01.jpg>

(65) Urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*). Disponível em <<https://www.osaogoncalo.com.br/e-direito/104742/urubus-sua-importancia-no-meio-ambiente>>

